

Onde o Património se transforma na Nova Esperança: Como um Mercado Cultural Comunitário em Chongoene e Xai-Xai está a inspirar os jovens a reconstruir o seu Futuro

Por Miguel Ângelo Raimundo

O texto resulta de uma reflexão pessoal associada a minha área de estudo sobre mercados culturais. Neste texto faço uma retrospectiva informativa na significância do mercado cultural comunitário para a comunidade local da região costeira de Xai Xai e Chongoene. Assim sendo, a pergunta que coloco para o efeito é a seguinte: Como é que o Mercado Comunitário Cultural pode ajudar a combater o desemprego ao valorizar o património cultural e natural local?

Ao longo da costa de Chongoene e Xai-Xai, no sul de Moçambique, assiste-se a uma transformação profunda no seio das comunidades locais, não apenas de natureza ideológica, mas também de carácter socioeconómico, configurando-se como uma oportunidade singular para o desenvolvimento local. Esta transformação interpela directamente os jovens que procuram oportunidades, identidade e esperança. No centro desta mudança encontra-se um catalisador inesperado: um Mercado Cultural Comunitário, actualmente em construção no interior do Parque Arqueológico e Biocultural, que se estende desde a cidade de Xai-Xai até às imediações da zona costeira de Chongoene. Este mercado não se limitará a ser um simples espaço de transações comerciais, mas emergirá como um modelo inovador de geração de rendimento, preservação do património e fortalecimento das capacidades adaptativas da juventude, particularmente num contexto em que os empregos formais e estáveis são escassos.

A população jovem de Moçambique continua a crescer de forma acelerada em comparação com a média global, enquanto a economia nacional enfrenta dificuldades em absorver este contingente no mercado de trabalho. Muitos jovens confrontam-se diariamente com a dura realidade do desemprego e questionam-se sobre as possibilidades futuras. Perante este cenário, jovens, homens e mulheres da comunidade, artesãos, líderes tradicionais, fazedores das artes criativas, pescadores, médicos tradicionais (conhecidos localmente por curandeiros ou aqueles que trabalham com espíritos tradicionais e ervas) e investigadores optaram por não aguardar passivamente pelo

surgimento de oportunidades externas. Ao invés, decidiram criar possibilidades a partir dos recursos já existentes, nomeadamente a sua cultura, os saberes tradicionais, o ambiente costeiro e, sobretudo, a sua determinação colectiva. Deste modo, nasce o Mercado Cultural Comunitário, que visa capacitar os artesãos locais para a comercialização dos seus produtos, permitir aos pescadores a partilha dos seus conhecimentos tradicionais, formar jovens em empreendedorismo e gestão, e convidar visitantes a explorar um património vivo, construído e transmitido ao longo de gerações. Este projecto não foi concebido como uma iniciativa *ad hoc* ou assistencialista, mas como um modelo de autossuficiência e desenvolvimento sustentável.

Neste processo, o papel do sector público assume relevância estratégica, ainda que não necessariamente dominante. A nível local e distrital, as autoridades governamentais estão a desempenhar uma função essencial de enquadramento institucional, que facilitou o acesso ao território, reconheceu o valor holístico patrimonial do parque e criou condições administrativas para a implementação do mercado. Este apoio se assume de formas não financeiras, como foi concedido o espaço, na simplificação de procedimentos, na integração do mercado em estratégias de turismo local. A nível nacional, o estado, tem igualmente desempenhado um papel crucial, como regulador e indutor, através de políticas de património e económicas que reconhecem os mercados comunitários culturais como *instrumentos legítimos de desenvolvimento*, que inclui mecanismos como incentivos fiscais e regimes diferenciados de licenciamento. Importa sublinhar que a intervenção pública, neste contexto, não se configura como substituta da iniciativa comunitária, mas como um factor de estabilização e legitimidade institucional.

Paralelamente, o sector privado local da região vem emergindo como um parceiro fantasma na consolidação deste mercado. Algumas dessas empresas estão ligadas ao turismo, à restauração, ao transporte, vem abertamente alinhando alguns nichos de operação com o conceito do mercado, explorando a ideia de cooperação, na inclusão das experiências culturais nos seus pacotes turísticos. Este envolvimento do sector privado não se baseia numa lógica de exploração, mas numa relação de benefício mútuo, em que a autenticidade cultural e a sustentabilidade social visam se converter em activos económicos. Hipoteticamente, quando bem regulada e mediada pela comunidade, esta interacção pode ampliar o alcance do mercado, diversificando as fontes de rendimento, que propõe reduzir a dependência exclusiva de financiamento externo.

No contexto do Parque Arqueológico e Biocultural de Chongoene e Xai-Xai, o património deixa de ser encarado como uma relíquia distante e passa a funcionar como uma fonte activa de

subsistência e de dinamização económica. O parque protege sítios arqueológicos, conhecimento ecológico tradicional e biodiversidade, ao mesmo tempo que a comunidade procura transformá-lo num motor económico vivo. Ao invés de permanecer confinada a vitrinas museológicas, o património cultural ganha expressão através de oficinas de cerâmica, exposições de artesanato, demonstrações de pesca tradicional, sessões de contos orais, produção de réplicas de artefactos arqueológicos e mostras de gastronomia costeira. Cada actividade articula geração de rendimento com reforço identitário. Para os jovens locais, o parque converteu-se numa verdadeira sala de aula ao ar livre, um espaço de aprendizagem e de construção de meios de subsistência.

Um dos pilares fundamentais desta iniciativa é o seu foco na liderança juvenil. Os jovens participantes recebem formação prática em empreendedorismo, gestão de pequenos negócios, atendimento ao cliente e literacia financeira. Muitos, que anteriormente não concebiam a possibilidade de gerir um empreendimento próprio, terão agora a oportunidade de administrar as suas bancas e integrar cooperativas formalmente estruturadas. Paralelamente, os anciãos transmitem técnicas tradicionais de produção artesanal, saberes relacionados com o mar, narrativas orais e conhecimentos etnobotânicos, assegurando a preservação da sabedoria intergeracional e o fortalecimento do orgulho comunitário. A cultura converte-se, assim, em conteúdo produtivo, e o património transforma-se num recurso estratégico que abre novos caminhos para uma vida digna. O Mercado Cultural Comunitário de Chongoene e Xai-Xai procurará atrair visitantes não apenas interessados em adquirir produtos, mas também em vivenciar experiências autênticas da vida local. Os turistas poderão participar em sessões de culinária tradicional, percorrer as dunas arqueológicas acompanhados por guias comunitários, observar processos de produção artesanal, desfrutar de música e dança tradicionais e envolver-se em diálogos que revelam a profundidade da identidade local moçambicana. Cada interacção fortalece a economia local, reforça o orgulho cultural e promove uma troca intercultural significativa. Este mercado demonstra que o património pode constituir uma base económica sustentável quando a comunidade assume o controlo da sua própria narrativa e dos seus recursos.

Todavia, importa reconhecer que esta iniciativa ainda se encontra numa fase de consolidação e não está isenta de riscos e limitações. Entre os principais desafios identificam-se a dependência excessiva de financiamento externo inicial, a fragilidade das capacidades de gestão a longo prazo, a volatilidade do fluxo turístico e o risco de mercantilização excessiva do património, que pode esvaziar o seu significado cultural. Acresce ainda a possibilidade de desigualdades internas, caso

os benefícios económicos não sejam distribuídos de forma equitativa entre os membros da comunidade, ou se determinados grupos, nomeadamente jovens e mulheres, forem excluídos dos processos decisórios.

Para que o Mercado Comunitário Cultural funcione de forma eficaz e sustentável, torna-se essencial assegurar algumas condições-chave. Entre elas destacam-se a existência de mecanismos transparentes de governação comunitária, o investimento contínuo em formação e capacitação, a articulação equilibrada entre actores públicos, privados e comunitários, e a salvaguarda do património cultural e natural face a pressões comerciais de curto prazo. A sustentabilidade do modelo dependerá, em última instância, da capacidade da comunidade de manter o controlo sobre o processo, adaptando-se às mudanças sem perder os seus valores fundamentais.

Embora Chongoene e Xai-Xai possuam características específicas, a sua experiência encerra ensinamentos de alcance mais amplo. Diversas regiões enfrentam actualmente elevados índices de desemprego, impactos das mudanças climáticas e processos acelerados de erosão costeira e do esquecimento da importância da cultura local. O que aqui se desenvolve comprova que a resiliência pode emergir a partir das próprias comunidades, quando a cultura, o ambiente e a criatividade são reconhecidos como recursos estratégicos. Demonstra, igualmente, que a identidade cultural pode coexistir com modelos de negócio modernos, e que o futuro não exige a negação do passado, mas sim a sua valorização e transformação ao longo de cadeias de valor sustentáveis.

Se este mercado continuar a expandir-se, possui o potencial de inspirar a criação de economias culturais criativas centradas na juventude em todo o território moçambicano e além-fronteiras. Poderão emergir redes de mercados associados a sítios patrimoniais, incubadoras de artesãos voltadas para jovens criadores, polos de formação em ecoturismo e plataformas digitais dedicadas à divulgação da criatividade africana em escala global. O que começou como uma iniciativa local tem capacidade para se transformar num movimento mais amplo, redefinindo as formas pelas quais os jovens se relacionam com a cultura, a oportunidade e a sustentabilidade.

Para os jovens que leem este artigo, a mensagem é clara: mesmo em contextos de incerteza económica, as comunidades detêm a capacidade de gerar as suas próprias soluções. O património, tanto cultural como natural, pode configurar-se como fonte viável e sustentável de rendimento, enquanto a criatividade aplicada sobre esses recursos potencia a emergência de trajectórias inovadoras e a abertura de novas oportunidades socioeconómicas. O Mercado Comunitário Cultural de Chongoene e Xai-Xai é mais do que um projecto pontual; é a prova de que o futuro

pertence àqueles que reconhecem o valor do que já possuem e sabem transformá-lo em algo maior. O património não é apenas memória do passado nas mãos da juventude de hoje, converte-se em esperança para o futuro e numa poderosa ferramenta de reconstrução social, cultural e económica.